



Brô Mc's e OZ Guarani: flechas de rimas no rap nativo

Brô Mc's and OZ Guarani: rhyming arrows in native rap

João de Carvalho¹

Resumo: O Rap indígena tem ocupado a web como flechas demarcando territórios. Este texto desenvolve-se em torno das seguintes questões: como, onde, quando e com quem surgiu o rap indígena brasileiro? Quem são e onde vivem e atuam os grupos Brô Mc's e Oz Guarani? O que é Literatura nativa? O que é o rap nativo? O que canta e como soa o rap nativo? Como se dá a ocupação de territórios culturais, simbólicos, virtuais?

Palavras-chave: Rap; Literatura indígena; Literatura nativa

Abstract: Indigenous Rap has occupied the web like arrows demarcating territories. This text is developed around the following questions: how, where, when and with whom did Brazilian indigenous rap emerge? Who are and where do the groups Brô Mc's and Oz Guarani live and work? What is Native Literature? What is native rap? What does native rap sing and sound like? How does the occupation of cultural, symbolic and virtual territories take place?

Keywords: Rap; indigenous literature; native literature

Introdução

O rap é uma forma de canção típica do movimento cultural Hip-hop. É uma tecnologia de comunicação afro-estadunidense, urbana, e de guerrilha cultural, que se espalhou pelo mundo como instrumento de expressão e arma de combate. Cada território que o rap ocupa resulta em uma síntese diferente, própria. Seja pela importância da fala, da língua e da oralidade, seja pela incorporação das referências de músicas locais nos *samples*², a geografia e a sonoridade de cada território marcam o rap de cada lugar. A linguagem do rap parte de uma identificação com as periferias dos grandes centros urbanos, e assim se espalha pelo mundo, de periferia para periferia, chegando até a margem da margem da sociedade; os territórios indígenas.

¹ João de Carvalho é doutorando em Letras pela Universidade Estadual de Londrina, mestre em Comunicação Visual, especialista em performance e licenciado em música, todos pela mesma instituição. Violonista, compositor e tarólogo, tem nas práticas criativas o tabuleiro no qual afina a percepção que ampara seu trabalho crítico de pesquisa e educação.

² Samples são recortes de gravações já existentes que compõem as bases musicais do rap.

As recentes conquistas do movimento indígena brasileiro, com a constituinte de 1988, produzem um eco cada dia mais audível na música e na arte brasileira. Uma geração de novos músicos, artistas e escritores indígenas tem surgido no cenário da cultura nacional. O movimento de rap indígena já é uma realidade em expansão.

O presente texto apresenta uma cartografia³ de parte deste rizoma tão rico em nutrientes. Os primeiros rimadores de rap indígena brasileiro foram os quatro rapazes guaranis do Brô MC's, de Dourados (MS). E só depois de alguns anos destes passos pioneiros, e em concomitância ao agravamento do cenário político nacional, é que também brota em SP o rap em idioma nativo, tendo como um dos principais representantes do movimento os jovens do OZ Guarani. Os dois grupos comentados se encontram em um trabalho conjunto intitulado Resistência Nativa, que conta também com a participação de Olívio Jekupé e Owerá⁴. A percepção deste movimento, que se inicia nas aldeias Jaguapiru e Bororó e chega ao Pico do Jaraguá, expresso nos trabalhos dos grupos Brô MC's e OZ Guarani, possibilita compreender um dos eixos de desenvolvimento do rap indígena nacional. Não interessa aqui analisar as obras por um viés x ou y (processo correspondente ao decalque, na linguagem dos Mil Platôs), e sim compor um mapa com este campo cartografado. Como sugerem os pesquisadores Passos, Kastrup e Escócia, ao apresentarem o método cartográfico:

A cartografia surge como um princípio do rizoma que atesta, no pensamento, sua força performática, sua pragmática: “princípio no real” (Deleuze e Guattari, 1995, p.21). Nesse mapa, justamente porque nele nada se decalca, não há um único sentido para a sua experimentação nem uma mesma entrada. São múltiplas as entradas em uma cartografia. (PASSOS, KASTRUP e ESCÓCIA, 2009, p. 10).

Desde quando se iniciou a produção de rap indígena, a principal materialidade dos documentos do rap nacional diz respeito a clipes veiculados na plataforma *youtube*. Os quatorze textos comentados aqui, de forma cartográfica, são clipes de rap, todos disponíveis na referida plataforma, podendo ser apreciados a qualquer hora, a

³ O presente artigo apresenta um mapa que integra a pesquisa de doutorado *Tendas Nômades e Máquinas de Guerra: O rap em tempo de golpe*. Corresponde ao início da última tenda (a Tenda da Estrela), onde se escuta e debate o rap indígena brasileiro.

⁴ Owerá é o novo nome do escritor e rapper indígena Kunumi MC, e integra um outro mapa da referida pesquisa de doutorado.

qualquer momento, em qualquer lugar, por meio de um celular, um computador, ou uma TV com acesso à internet. Literatura oral multimídia, democrática, arma de conscientização, autodefesa e caça; flechas de rimas. Consonante ao que Daniel Munduruku diz sobre a própria literatura indígena, onde lemos:

A literatura passou a ser um instrumento de atualização da Memória, que sempre utilizou a oralidade como equipamento preferencial para a transmissão dos saberes tradicionais. Na compreensão que temos desenvolvido, esse instrumento engloba muito mais que o texto escrito, ele abrange diversas manifestações culturais, como a dança, o canto, o grafismo, as preces e as narrativas tradicionais. Cada uma dessas composições amarra o passado ao presente, estabelecendo uma relação com o momento atual, uma relação necessária e urgente para que as culturas possam criar novas soluções para os problemas que pululam cotidianamente. (MUNDURUKU, 2017, p.122).

Brô MC's

Como já foi mencionado, Brô Mc's é o primeiro grupo de Rap do Brasil. Tem seu início em 2010, entre as aldeias Jaguapiru e Bororó, em Dourados, MS. Formado pela dupla de irmãos Bruno Veron e Clemerson Veron, e Charlie Peixoto e Kelvin Peixoto, o grupo surge nas imediações da escola municipal indígena Tenga Tuí. A CUFA⁵ de MS produziu os primeiros clipes e documentos audiovisuais do grupo. A importância da escola e dos professores (bem como a consciência sobre a importância da língua guarani como um território de resistência e força expressiva), pode ser percebida tanto na entrevista ao canal da CUFA MS, de 2010, como na videobiografia *Brô MC - O grito Rap dos Guarani-Kaiwá*, de 2017.

Em 2011 o grupo lançou seu primeiro clipe, *Eju Orendivê* (Venha com nós), contando com a produção da CUFA MS. O clipe registra imagens do território da aldeia Jaguapiru, da comunidade e de hábitos do cotidiano. O primeiro verso guarani

⁵ Central Única das Favelas (Cufa) é uma organização que promove ações culturais nas periferias de todo o país. Criada em 1999 por Celso Athayde e MV Bill, chega na cidade de Dourados, Ms, e leva oficinas de hip-hop para as comunidades indígenas da região. O canal da Cufa Ms abriga as primeiras entrevistas e registros do grupo Brô Mc's, como o bate papo dos jovens em frente à escola Tenga Tuí.

do rap nacional, cantado por Bruno Veron, aparece legendado em português: “aqui meu rap não acabou, aqui meu rap está apenas começando” (MC’S, 2011). O MC, apoiado em uma carroça e vestindo a camiseta amarela da seleção brasileira, canta em guarani o Gênese (bere’shith)⁶ do Rap indígena brasileiro. Em um verso mais à frente o MC declara, dialogando com os Racionais MC’s e com a Bíblia, “se você chorar não é uma vergonha, Jesus também chorou, quando ele apanhou.”, e vai desenvolvendo as rimas em seu guarani/português até o final da estrofe, quando diz: “O tempo nos espera, e estamos chegando, por isso, venha com nós” (MC’s, 2011). O tempo que espera não é o do relógio nem o da urgência capitalista, e sim o tempo do mito, que é e sempre foi, começo e final a todo instante. O refrão bilíngue reforça o chamado, “xe rohenói, eju orendivê (nós te chamamos pra revolucionar) /, venha com nós, nessa levada, / xe rohenói, eju orendivê/ aldeia unida, mostra a cara” (MC’S, 2011).

O segundo clipe do grupo data de 2016 (nota, sincronia do contexto de crise democrática) e chama-se *Koangaguá* (Nos dias de hoje), e conta com um enredo bem mais complexo. O Clipe se inicia com jovens ensaiando uma dança tradicional com a música emitida por um aparelho de som portátil, ensaio sabotado pelo MC Bruno, que leva o aparelho e coloca para tocar uma base de rap, quando encontra na estrada (de terra) com Charlie e Clemerson, que lhe dão carona em uma carroça. O rústico veículo leva uma caixa de som que é ligada ao aparelho e dispara a base sobre qual acontece os versos de *Koangagua*. Os três estão em busca de Kelvin, que está como que deprimido, dentro de um barraco. Quando os três chegam e ligam o som, Klevin sai e começa a rimar. Seus versos, “O céu está limpo. No meio de todos existe um. Os pássaros voam. Juntos são felizes” (MC’S 2016), vão dando forma poética para o sentimento de inadequação e o desejo de transformação aparentes no personagem do MC. O refrão traduz a nostalgia de um tempo bem mais feliz, “ara ohaza, upeichache aha, yma ovyapa - o tempo está passando e assim vou caminhando, antigamente eu era muito mais feliz” (MC’S, 2016).

O terceiro clipe leva o título, no *youtube*, de *Tekoa Pyau* (MC’s, 2020), e se refere ao Rap *Manga Nembosarai*, título que aparece na tela, no início do vídeo. Tekoa Pyau registra o nome da aldeia em que foi gravado o clipe, localizada no Pico do Jaraguá, SP. O enredo deste clipe é bastante interessante, e conta sobre a resistência ancestral do jogo de bola guarani, praticado por mulheres⁷. Uma moradora deseja jogar mas

⁶ A cena da origem, o Bere’shith, ou Gênesis bíblico, inicia-se com Deus criando no começar, que é ao mesmo tempo o começo e o fim do tempo.

⁷ Existe um movimento crescente de futebol feminino no Pico do Jaraguá.

não está uniformizada, quando volta pra casa e se pinta, em um ritual que inaugura outro tempo no clipe (a música do grupo para e o que se escuta é a cantoria tradicional guarani). O refrão afirma a ancestralidade do jogo, “upecha ague yma/ chehente ovyapa/ avaguera oripara/ pelota ochuta - e assim era que minha gente antigamente era feliz/ com essa brincadeira os indígenas corriam atrás da bola” (MC’S, 2020). O MC aponta para a história contada pelo antropólogo e linguista paraguaio Bartolomeu Melía, no documentário *Manga Nemborosarai, Los guaraníes inventaron el fútbol*, de 2015, que revela a existência de documentos dos jesuítas relatando o jogo indígena com bola, que se chutava (coisa que não existia na Europa).

Ainda em 2020 o grupo lança *Nhe’ê Mbaraté* (palavra forte), gravado na Tekoha Laranjeira Nhanderu. É o primeiro trabalho no qual os quatro MC’s cantam e pela primeira vez o *flow*⁸ de Kelvin aparece mais acelerado, característica esta que foi se desenvolvendo nos trabalhos posteriores. Os dois compassos finais, onde Kelvin canta rápido, dizem “Ko apê ore avakuêra. Roju ko ape rochuka ha’etegua (nós indígenas estamos pra mostrar) entence ejapysaka. Ko apê avakuera avakuera opua (então escute porque nós indígenas estamos de pé!)” (MC’S, 2020). Um rap curto, que surpreende e deixa no ar, dissolvendo-se na dança circular da aldeia, sob os risos e as palmas do pajé.

No trabalho do ano seguinte, *Retomada* (2021), o grupo se pinta com urucum e apresentam suas rimas reivindicando demarcação. A narrativa do clipe se inicia com uma matriarca, sob a sombra de uma árvore, ligando o rádio do qual emana o rap. Brincando no chão está uma menininha, e o clipe segue recombinao imagens dos rappers com fragmentos do documentário *Kuñia Pora: Matriarcas Kaiwoa e Guarani*. Clemerson é quem canta o refrão em espanhol, “yo no quiero la plata, importante es mi tierra” (MC’S 2021)., e Charlie quem pontua o assunto com sua rima bilíngue, “Demarcação upea roipota (demarcação isso que queremos) ancestrais do passado já viveu aqui/ Nemandua né pa karai (vocês lembram disso, homem branco?)” (MC’S 2021).

Como é comum entre os artistas de rap, existem alguns importantes trabalhos realizados em parceria com outros artistas. O primeiro grupo a dividir parceria com os Brô MC’s foi o grupo Fase Terminal, e o clipe *No Yankee* data de 2012. O clipe,

⁸ Flow é o elemento de composição musical característico do MC (mestre de cerimônia, cantor de rap). Este elemento envolve desde a sonoridade das palavras, assonâncias, aliterações e rimas, como a vocalidade e timbre da voz do MC e sua rítmica. O flow do rap clássico é mais lento e regular, enquanto o que se desenvolve atualmente possui divisões rítmicas com notas mais rápidas.

documento de memória do grupo, de sua aldeia e suas lutas, é recheado de imagens de arquivo registrando manifestações e conflitos da região, que é uma das mais tensas do país. O rap registra as dores, mas busca o sonho, como nos versos “tem uns mano na reserva que tão sempre correndo atrás do sonho, e eu sou mais um. Que esse rap fica na memória da aldeia. Ja ra nhanderkuêra que agora a rima é em guaxiré” (MC’S e TERMINAL, 2012.)

O mais recente trabalho é parceria com a cantora de reggae Marina Peralta, *Demarcação* (2022). É o clipe, até o momento, com melhor produção de áudio e imagem, realizado por meio do incentivo do Estado de São Paulo ao reggae. A cantora canta a parte canção de dentro de um espaço visual mais onírico, enquanto os MC’s cantam de seu território, em frente a uma casa tradicional queimada, e explicitam a urgência do tema em versos como “estamos aqui trazendo de novo um pouco de tudo que nós já passamos, a luta é diária, ela não para. Ontem eu vi mais uma casa de reza queimada” (MC’S e PERALTA, 2022). O último MC a rimar é Kelvin, que desenvolve seu *flow* guarani de andamento mais rápido durante vários compassos, constituindo o ápice rítmico da canção.

OZ Guarani

O pico do Jaraguá, em SP, é o território de onde soa a voz do OZ Guarani. Diretamente da Tekoah Pyau, a menor aldeia do país, Raper Xondaro e Mano Glowlers versam em português e guarani a realidade de suas vidas. O grupo se forma em 2017, já como arma de comunicação para conscientizar sobre a urgência de demarcação de terra.

O primeiro clipe do grupo é direto desde o título, *Contra a PEC 215 (2017)*. A Proposta de Emenda Constitucional 215 é a manifestação do genocídio institucionalizado e alvo das flechas de rimas dos jovens guaranis. Xondaro canta “Os guarani chegou chegando, com a flecha engatilhada, pra mandar essa mensagem, não é ideia errada” (GUARANI, 2017), e segue com *flow* firme e várias ideias certeiras. O refrão em português busca afinar as intenções e se unir ao povo negro, também afetado pela PEC, e criadores da tecnologia de comunica que estão se valendo: o rap. “Ei nego, ei nega, chegou OZ Guarani com vocês pra somar. Ei nego, ei nega, contra a PEC, OZ Guarani, pode crer, é nóiz que tá” (GUARANI, 2017) é um refrão bom e funcional, na medida que embala e é de fácil memorização. Com várias linhas de

soco⁹, na moral de que enquanto houver bambu vai flecha, os rappers vão desenvolvendo as ideias, como quando Mano Glowlers satiriza o célebre episódio do primeiro bispo do Brasil, “na lembrança veio o pico do meu povo, escravizado por um velho sardinha que devia tá enlatado” (GUARANI, 2017).

Em *Somos Todos da Mesma Nação*, do ano seguinte, os jovens caminham pela tekoa, entre crianças, cães e grafites. O refrão, melódico e pacífico, é cantado por Vlad MC, e os versos pelo Jefferson Xondaro, que dispara rimas como, “bandeirante, ruralista, primeiro assassino da lista” e “imagem do índio mostrado como animal, reintegração de posse, mandado pelo mal” (GUARANI, 2018). No clipe, figurando no rolê pela aldeia e representando a comunidade, encontra-se o rapper Werá MC¹⁰. Imagens documentais de manifestações costuram o vídeo.

A produção de 2019, *O Índio é Forte*, contou com mais recursos expressivos: uma introdução com imagens de *drone* da aldeia; e, um enredo dramático contraposto aos *takes* dos MC's rimando. Na introdução se escuta a voz de Xondaro contando sobre a pergunta que uma professora lhe fez, contestando o lugar que o rapper mora (se é índio, por que tão próximo da cidade?), enquanto na imagem aparecem balões de dados sobre a conjuntura do local. Mano Glowlers mostra a vida que habita o lugar em versos como “Um dia de sol, na Zona Oeste, Jaraguá, Tekoá, os mano e mina no campo jogando bola, criançada brincando com o sorriso no rosto, sendo feliz, assim que é, no meu olhar” (GUARANI, 2019).

Em 2021 o grupo lança *Roguata Jupive*, com o beat (nota) produzido por Gaspar Z'afrika, a sonoridade da música tradicional guarani, com vozes de crianças em canto coral e rabecas, se mistura ao ritmo do DJ. O clipe documenta uma ação de grafite¹¹ na tekoá, enquanto Glowlers rima metalinguisticamente “essa letra eu anotei, eu gostei do que falei, pra vocês ouvir também, todos nós vamos além”, e Xondaro esfumaça na casa de reza “às 5 da manhã acordei com petengua, sabedoria pra ninguém me derrubar”. (GUARANI, 2021).

Os rappers do Jaragua também lançaram trabalhos em parceria com outros artistas. *Pemomba Eme* é o primeiro deste tipo, e conta com a participação de Werá

⁹ Punchline, linhas de soco, é uma estratégia de composição dos textos de rap.

¹⁰ Werá MC é um rapper indígena que tem explorado a estética do *trap*. Lançou em 2018 Índios do Vulcão, em parceria com Sandão RZO.

¹¹ Pinturas de grafite são uma forma de ação cultural característica do hip-hop. Consiste em um evento que embeleza as comunidades.

MC e sua dicção de *trap*¹². O clipe, no estilo documento de manifestações, contém imagens dos rappers no topo do pico do Jaraguá e de lutas contra o marco temporal, em Brasília. De noite, e iluminado pelo fogo, Mano Glowlers canta em guarani o que a legenda traduz como “o pajé levanta e faz sua reza, vamos pegar o chocalho em nossas mãos, guerreiros, vamos levantar e mostrar nossa dança”. De dia, iluminado pelo grande astro, Xondaro canta em português para todos entenderem, “nunca estarei só, o Sol me acordou, Nhanderu me levantou, de novo estou aqui, passando essa mensagem consciente para os manos”. (GUARANI e MC, 2018). A voz de trovão de Marçal Tupã ecoa num *sample*, no meio do clipe. Também conhecido como Marçal Guarani, o líder indígena é um dos encantados que fundamenta as novas gerações de guerreiros e guerreiras pelo país. Suas palavras no discurso de recepção ao Papa João Paulo II, em 1980, continuam atuais:

Nossas terras são invadidas, nossas terras são tomadas, os nossos territórios são diminuídos, [e] não temos mais condições de sobrevivência. Queremos dizer a Vossa Santidade a nossa miséria, a nossa tristeza pela morte dos nossos líderes assassinados friamente por aqueles que tomam o nosso chão, aquilo que para nós representa a nossa própria vida e a nossa sobrevivência neste grande Brasil, chamado um país cristão. (PREZIA, 2006, p. 13/14).

O mais recente trabalho em parceria que o grupo¹³ participa é *Nação Guarani* (2021), com Gaspar Z’Africa. Clipe produzido com o incentivo da lei Aldir Blanc, registrando uma ação cultural de grafite em um salão na aldeia. Xondaro canta no palco da comunidade, enquanto o grafite toma forma ao fundo, “tudo começou no meio das trevas, havia apenas escuridão e mar, o mundo era tekoá, é costume dos parente rezá, é cultura nóiz andá com petengúá”(GUARANI e Z’Africa, 2021).

¹² Trap é uma variação do rap, em que o “t” de território lhe confere mais características eletrônicas e de combate.

¹³ A participação, na realidade, é só do raper Xondaro, mas como foi gravado na Tekoa Pyau, foi considerado um trabalho do grupo.

Rap nativo

Em 2021 ocorre o encontro de Kunumi MC, Brô MC's e OZ Guarani para a realização de um trabalho em conjunto intitulado *Resistência Nativa*. A história do encontro pode ser conferida no documentário¹⁴ *Resistência Nativa: ayvú anhengüeta*. Um dos personagens que aparece no clipe e no documentário é Olívio Jekupé, escritor pioneiro da Literatura Nativa e pai do Kunumi MC (Owerá¹⁵). Segundo o autor, Literatura Nativa é aquela produzida pelos povos nativos e que conta a realidade de seus modos de vida.

O clipe possui quase sete minutos e meio, onde se pode escutar a voz de sete jovens poetas guaranis (e ainda a do poeta mais velho, seu Olívio Jekupé, que abre e apresenta o encontro) rimando temas urgentes e verdadeiros sobre a realidade do indígena no Brasil. Devido ao tempo relativamente longo da música, a sonoridade da base passa por diversas mudanças, o que confere uma expressividade extra ao áudio. Nesse sentido, é particularmente interessante como soa o trecho em que Mano Glowens canta relembrando grandes nomes da memória de luta e resistência indígena, “nosso luto vira nossa luta porque somos sementes. Sepe Tiaraju, Galdino Pataxó, Paulo Paulino Guajara, Aritana, Xejary Bernaldina e todos os guerreiros e guerreiras que encantaram vive em cada um de nós.” (OWERA, MC'S, e GUARANI, 2021). No momento em que Glowens, rimando em guarani, diz que “as florestas de toda Abya Yala estão queimando” (OWERA, MC'S, e GUARANI, 2021), surge um som de flauta andina que, num sopro, faz ecoar as trilhas do Peabiru.

Flechas de Rimas

Owerá canta em guarani, “nós guerreiros devemos pegar nosso arco e flecha, defender a aldeia e a floresta, para as crianças poderem brincar”. Qual a linha que separa uma ferramenta de uma arma? Onde termina o instrumento de caça e começa a constituição de uma máquina de guerra? Arcos e flechas são típicas máquinas de guerra dos nômades contra o estado. Muito mais dadas a defesa e a pesca que a sede expansionista dos exércitos, das grandes civilizações. O rap nativo, com suas flechas de rimas, constitui uma máquina de guerra, conforme pensada por Deleuze e Guattari:

¹⁴ O link do documentário encontra-se na descrição do clipe no *youtube*.

¹⁵ Kunumi MC mudou de nome e agora chama-se Owerá.

Sem dúvida, o aparelho de estado tende a uniformizar os regimes, disciplinando seus exércitos, fazendo do trabalho uma unidade de base, isto é, impondo seus próprios traços. Mas não está descartado que as armas e as ferramentas entrem ainda em outras relações de aliança, se são tomadas em novos agenciamentos de metamorfose. Ocorre ao homem de guerra formar alianças camponesas ou operárias, mas, sobretudo, ocorre ao trabalhador, operário ou camponês, reinventar uma máquina de guerra. (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p.88).

O rap nativo é um desenvolvimento natural do Movimento Indígena brasileiro. A literatura indígena, nativa, foi um campo de ocupação estratégico da sabedoria oral dos povos originários. Daniel Munduruku, em seu livro sobre o caráter educativo do movimento indígena brasileiro, entrevista Ailton Krenak sobre a gênese do movimento indígena brasileiro. O que o pensador e líder indígena Krenak diz sobre o surgimento do movimento indígena encaixa-se perfeitamente com as intenções do Rap indígena brasileiro, que se desenvolve em meio a tantas agressões cotidianas, perpetradas pelo próprio Estado brasileiro.

Sobreviver à ditadura militar, genocídio, aniquilação total das famílias indígenas, racismo e preconceito bruto: índio bom é índio morto! Este era o lema nacional na ditadura e dos brancos fazendeiros: o Brasil inteiro é um Mato Grosso!... que inda quer matar os Guarani e Kaiowá. O movimento surgia da vontade de sobreviver ao genocídio programado, com data para acabar com os índios preconizada pelos ministros do Governo, em discursos públicos... (MUNDURUKU, 2012, p. 81).

Referências

PREZIA, Benedito. *Marçal Guarani, a voz que não pode ser esquecida*. Expressão Popular, São Paulo, 2006.

- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol.5*. Trad. Peter Pal Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2012.
- MUNDURUKU, Daniel. *O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)*. Paulinas, São Paulo, 2012.
- MUNDURUKU, Daniel. *Mundurukando 2: sobre vivências, piolhos e afetos, roda de conversa com educadores*. UK'S Editorial, Lorenz, WP, 2017.
- PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia e ESCÓCIA, Liliana. *Pistas do método cartográfico: Pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Sulinas, Porto Alegre, 2009.
- MC'S, Brô. *Eju Orendive*, Dourados, MS, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oLbhGYfDmQg>>. Acesso em: 28 maio 2022.
- MC'S, Brô. *Koangagua*, Dourados, MS, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IBafJLzXT6s>>. Acesso em: 28 maio 2022.
- MC'S, Brô. *Tekoá Pyau*, Dourados, MS, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b_ymqBC76jc>. Acesso em: 28 maio 2022.
- MC'S, Brô. *Nhe'é Mbaraté*, Dourados, MS, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6lSX5e52hco>>. Acesso em: 28 maio 2022.
- MC'S, Brô. *Retomada*, Dourados, MS, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NrrpGHepXpc>>. Acesso em: 28 maio 2022.
- MC'S, Brô e TERMINAL, Fase. *No Yankee*, Dourados, MS, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UViv0FQJrgo>>. Acesso em: 28 maio 2022.
- MC'S, Brô e PERALTA, Marina. *Demarcação*, São Paulo, SP, 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=07AqCPyDXP8>>. Acesso em 28 maio 2022.
- GUARANI, Oz. *Contra a pec 215*, São Paulo, SP, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hyyBB_xf3jo>. Acesso em: 28 maio 2022.
- GUARANI, Oz. *Somos todos da mesma nação*, São Paulo, SP, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A_6bDPcTPY8>. Acesso em: 28 maio 2022.
- GUARANI, Oz. *O índio é forte*, São Paulo, SP, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iXIpDa28HQU>>. Acesso em: 28 maio 2022.
- GUARANI, Oz. *Roguata Jupive*, São Paulo, SP, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iRAMwIL7LGo>>. Acesso em: 28 maio 2022.
- GUARANI, Oz e MC, Werá. *Pemomba Eme*, São Paulo, SP, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZHj5Aq685T0&t=5s>>. Acesso em 28 maio 2022.

GUARANI, Oz e Z’Africa, Gaspar. *Nação Guarani*, São Paulo, SP, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zUSVr68m9UQ>>. Acesso em: 28 maio 2022.

OWERA, MC’S, Brô e GUARANI, Oz. *Resistência nativa*, São Paulo, SP, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rQ47rKQ8sjI>>. Acesso em: 28 maio 2022.